



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO – EDUCAÇÃO ESPECIAL: ALTAS  
HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO**

**ARTIGO MONOGRÁFICO**

**Pietra de Mello do Nascimento**

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

**Santa Maria, RS, Brasil - 2008**

**“EU SOU VÔ JUCA, UM SER INCONSTANTE COMO O  
BRILHO DAS ESTRELAS” – O ESTUDO DE UM  
SUPERDOTADO**

**por**

**Pietra de Mello do Nascimento**

Artigo apresentado no Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação**.

**PROESP/SEESP/CAPES/MEC/UFSM**

Orientadora: **Dr<sup>a</sup>. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez**

Santa Maria, RS, Brasil

2008

**Universidade Federal de Santa Maria  
Centro de Educação**

**Curso de Pós-Graduação – Educação Especial: Altas  
Habilidades/Superdotação**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, aprova o Artigo Monográfico de  
Especialização

**“EU SOU VÔ JUCA, UM SER INCONSTANTE COMO O BRILHO DAS  
ESTRELAS” – O ESTUDO DE UM SUPERDOTADO**

elaborada por  
**Pietra de Mello do Nascimento**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
*Especialista em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação.*

**Comissão Examinadora:**

---

**Dr<sup>a</sup>. Susana Graciela Pérez Barrera Pérez**  
(Presidente / Orientadora)

---

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Soraia Napoleão Freitas**

---

**Prof<sup>a</sup>. Ms. Mara Regina Nieckel da Costa**

Santa Maria, 25 de outubro de 2008

## **RESUMO**

Artigo de Especialização  
Curso de Especialização em Educação Especial: Altas Habilidades/Superdotação  
Universidade Federal de Santa Maria, RS, Brasil

### **EU SOU VÔ JUCA, UM SER INCONSTANTE COMO O BRILHO DAS ESTRELAS – O ESTUDO DE UM SUPERDOTADO**

AUTORA: Pietra de Mello do Nascimento  
ORIENTADORA: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez  
DATA E LOCAL DA DEFESA: Santa Maria, 25 de Outubro de 2008

Este estudo objetiva investigar as percepções de um indivíduo adulto com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), através de um estudo de caso, focalizando os significados atribuídos às AH/SD a partir de suas relações familiares e escolares. Os dados foram obtidos através das respostas a um questionário e o conteúdo analisado a partir de três categorias a percepção dele sobre as AH/SD, a percepção em relação à escola e a percepção sobre a família. O embasamento teórico desta pesquisa aborda questões referentes aos mitos vinculados à Superdotação, a ausência de identificação e atendimento aos Superdotados na escola, a importância dos educadores nesse atendimento, a ideia de alguns programas de enriquecimento para alunos com indicadores de AH/SD e a importância da família na vida desses alunos. A partir da análise dos dados pode-se constatar que Vô Juca, sujeito dessa pesquisa, possuía uma visão distorcida em relação às AH/SD; que a falta da identificação de seus indicadores e de um atendimento diferenciado fez com que ele enfrentasse algumas dificuldades na escola e que sua família teve grande importância em sua vida.

**Palavras chaves:** Altas Habilidades/Superdotação, escola, família

**ABSTRACT**

Article of Specialization  
Course of Specialization in Special Education. High Ability/Superendowment  
Federal University of Santa Maria, RS, Brasil

**I AM GRANDPA JUCA, AN INCONSTANT CREATURE LIKE THE SHINE OF THE STARS- THE STUDY OF A GIFTED PERSON**

AUTHOR: Pietra de Melo do Nascimento  
ADVISER: Susana Graciela Pérez Barrera Pérez  
DATE AND PLACE OF DEFENSE: Santa Maria, October 25<sup>th</sup>, 2008.

The aim of this study is to investigate the perceptions of an adult individual with indicators of High Abilities/Giftedness (HA/SE) through a study of case, focusing the meanings attributed to the HA/SE, from their familiar and school relations. The data were got through the answers of a questionnaire and the subject was analyzed from the three categories: the perception of him about the HA/SE, the perception concerning to the school and the perception about the family. The theoretical basis of this research approaches questions concerning to the myths linked to the Giftedness, the absence of identifications and the attendance to the Highly Gifted pupils at school, the importance of the educators in this attendance, the idea of some programs of enrichment for pupils with indicators of HA/SE and the importance of the family in the life of these pupils. From the analysis of the data, it was possible to notice that grandpa Juca, subject of this research, he had a distorted view concerning to the HA/SE; that the lack of identification of some of his indicators and of a differenced attendance made him to face some difficulties at school and that his family had great importance in his life.

**Key words:** High Abilities/Giftedness, school, family

## INTRODUÇÃO

Sempre existiram diferenças entre os seres humanos, antigamente se escondiam atrás das cruéis discriminações, mas hoje elas afloram com tanta rapidez que obrigam as pessoas a entendê-las.

Dentro dessas diferenças, temos as Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), um assunto que não é novidade, porém, há pouco tempo, foram intensificados seus estudos e, por isso, ainda persistem muitos mitos e muitas dúvidas que exigem mais pesquisas e estudos a seu respeito.

A pesquisa relatada neste artigo monográfico é um estudo de caso, cujo objetivo principal é investigar as percepções de um indivíduo adulto com indicadores de AH/SD, focalizando os significados atribuídos a essa necessidade educacional especial, a partir de suas relações familiares e escolares.

O primeiro contato com esse indivíduo ocorreu há seis anos, eu, naquele tempo, ainda não possuía nenhum conhecimento sobre as Altas Habilidades/Superdotação, porém, já identificava nele muitas diferenças em relação à maioria das pessoas. Quando iniciei o curso de especialização, verifiquei que muitas de suas características eram as mesmas que os autores atribuíam a pessoas com Altas Habilidades/Superdotação, foi então que percebi que suas diferenças possuíam explicação.

Vô Juca, como o participante da pesquisa, preferiu que eu o chamasse assim por ter um carinho muito especial por seu avô, falecido quando era criança, possui 22 anos, tem conhecimento dos seus indicadores de AH/SD e aceitou imediatamente o convite para fazer parte dessa pesquisa.

O artigo se desenvolve através de seis tópicos. O primeiro fala sobre a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1985, apud GAMA, 1998) e, neste tópico encontram-se especificadas as oito inteligências.

O tópico seguinte tem a finalidade de definir as Altas Habilidades/ Superdotação (AH/SD) conforme a Teoria dos Três Anéis de Renzulli (1997 apud MEC 2007),

apresentar os dois tipos de superdotação - a acadêmica e a produtivo-criativa - e citar alguns importantes indicadores das AH/SD.

A terceira parte apresentada é a explanação da metodologia e do procedimento metodológico adotado, sendo que o tópico seguinte apresenta o perfil do sujeito da pesquisa.

Após, é feita a análise e discussão dos dados coletados, a partir de três categorias: a percepção sobre as Altas Habilidades, a percepção sobre a escola e a percepção sobre sua família, e finalmente, são feitas as considerações finais.

## 1. Inteligências Múltiplas

A Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner (1985, apud GAMA, 1998, p. 1) “é uma alternativa para o conceito de inteligência como uma capacidade inata, geral e única, que permite aos indivíduos uma performance, maior ou menor, em qualquer área de atuação”. A pesquisa de Gardner vem ao encontro da idéia de que a inteligência humana não pode ser mensurada e sua teoria é imensamente importante para o estudo das Altas Habilidades, pois ele dedicou-se ao estudo do desenvolvimento de diferentes habilidades em pessoas com algum comprometimento neurológico, em pessoas normais e em pessoas superdotadas. Ele identificou oito inteligências especificadas como: lingüística, musical, lógico-matemática, espacial, cinestésico-corporal, intrapessoal, interpessoal e naturalista.

Conforme Campbell, Campbell e Dickinson (2000), as oito inteligências possuem alguns indicadores próprios que serão descritas, sinteticamente, abaixo:

A Inteligência Lingüística possui, como alguns de seus indicadores, a facilidade em escutar, responder e imitar sons da palavra falada; o aprendizado através de escuta, leitura, escrita e discussões; a escrita com o correto uso da gramática e a facilidade em aprender outro idioma.

A aptidão e interesse em sons, sejam eles a voz humana, os sons ambientais ou a música, fazem parte da Inteligência Musical, que também é comum em pessoas que reconhecem e discutem diferentes gêneros musicais, desenvolvem a capacidade para cantar e/ou tocar um instrumento, sozinhas ou com outras pessoas.

Outro tipo de inteligência é a Lógico-Matemática, que possui, como referência, o conhecimento dos conceitos de quantidade, tempo, causa e efeito; habilidade na resolução de problemas lógicos na realização de estimativas, cálculo de algoritmos, interpretação de estatística; própria da pessoa que gosta de operações complexas e pensa matematicamente.

A Inteligência Espacial está presente em pessoas que aprendem através da visão e da observação; que reconhecem objetos, formas, cores; percebem e produzem imagens mentais; vêem as coisas de maneiras diferentes ou a partir de novas perspectivas e criam novas formas de meios visuo-espaciais ou obras de arte originais.

Atletas, costureiros, dançarinos, escultores ou datilógrafos possuem, de forma mais desenvolvida, a Inteligência Cinestésico-Corporal. São pessoas que exploram o ambiente e os objetos através do toque e do movimento; desenvolvem a coordenação e um senso de ritmo; mostram destreza no trabalho realizado com movimentos motores restritos ou amplos e têm a habilidade para aprimorar e aperfeiçoar o desempenho físico, através da integração entre o corpo e a mente.

A Inteligência dos seres humanos que buscam e compreendem as experiências internas; desenvolvem um modelo preciso de sua identidade; trabalham independentemente e lutam pela auto-realização é a inteligência Intrapessoal.

A Inteligência Interpessoal é encontrada em pessoas com facilidade em se relacionar com outras pessoas, participar de esforços cooperativos e assumir vários papéis adequados, desde deixar-se conduzir, até liderar atividades em grupo, e, também, aquelas que influenciam a opinião de outras pessoas e desenvolvem novos processos ou modelos sociais.

Por fim, entre os indicadores da Inteligência naturalista, destacamos o interesse em explorar o ambiente humano e natural; procura em observar, identificar, interagir ou cuidar de objetos, plantas ou animais, classificando-os conforme suas características e a curiosidade em aprender como as coisas funcionam

## 2. Altas Habilidades/ Superdotação

A definição de Renzulli (BRASIL, 2002, p. 11) diz que: “a superdotação consiste de uma interação entre três conglomerados básicos de traços humanos – habilidades acima da média, altos níveis de envolvimento com a tarefa que assume e altos níveis de criatividade” e, também, que “as crianças superdotadas e talentosas são aquelas que possuem ou são capazes de desenvolver este conjunto de traços e aplicá-los a qualquer área potencialmente valorizada do desempenho humano”. Estas palavras fazem parte da Teoria da Superdotação dos Três Anéis, na qual Renzulli afirma ser a superdotação o resultado da interação de três fatores de comportamento, a saber:

(1) Habilidade acima da média envolvendo duas dimensões:

a) habilidades gerais, que consistem na capacidade de processar informações, de integrar experiências que resultem em respostas apropriadas e adequadas a novas situações e na capacidade de se engajar em novas situações.

b) habilidades específicas, que consistem na capacidade de adquirir conhecimento, prática e habilidades para atuar em uma ou mais atividades de uma área específica.

(2) Motivação ou envolvimento com a tarefa, refere-se a uma forma refinada e direcionada de motivação, uma energia canalizada para uma tarefa em particular ou uma área específica.

Algumas palavras freqüentemente usadas para definir o envolvimento com a tarefa são perseverança, persistência, trabalho duro, dedicação e autoconfiança e;

(3) Criatividade, envolvendo aspectos que geralmente aparecem juntos na literatura: fluência, flexibilidade e originalidade de pensamento e, ainda, abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade e coragem para correr riscos.(REZULLI, 1997 apud BRASIL 2007)

Ainda em seus estudos, Renzulli (2004, p.8) refere dois tipos de superdotação: a acadêmica e a produtivo-criativa.

A Superdotação acadêmica é a mais valorizada em escolas tradicionais, pois é o tipo de inteligência mais facilmente mensurada e observada pelas pessoas. Essa superdotação, conforme descrita por Alencar (2007), é apresentada por alunos com aprendizagem escolar avançada e que possuem um nível de compreensão mais elevado.

O outro tipo de Superdotação é a produtivo-criativa, descrita por Renzulli (2004) da seguinte maneira:

“Ela descreve aqueles aspectos da atividade e do envolvimento humanos, nos quais se incentiva o desenvolvimento de idéias, produtos, expressões artísticas originais e áreas do conhecimento que são propositalmente concebidas para ter um impacto sobre uma ou mais platéias-alvo”.

Esse tipo de Superdotação envolve a boa articulação de idéias, o pensamento inovador e muita imaginação.

Se nos detivermos a ler os autores mais estudados sobre a superdotação, constataremos diversas características atribuídas às pessoas com AH/SD, nas quais as mais comuns citadas por Winner (1998), Brasil (2004), Renzulli, Smith, Callahan e Westberg (2000) e Sabatella (2005) todos citados por Ourofino e Guimarães (2007) e as mais presentes no sujeito desta pesquisa são:

- Alto grau de curiosidade intelectual, com elaboração de perguntas em nível mais avançado e persistência para alcançar a informação desejada;
- Originalidade para resolver problemas e produzir respostas incomuns;
- Habilidade para processar informações rapidamente;
- Grande bagagem de informações sobre uma variedade de tópicos;
- Alto nível de pensamento, habilidade de raciocínio com utilização de lógica pura;
- Espírito de aventura e disposição para correr riscos;
- Envolvimento intenso quando trabalha certos temas ou problemas;
- Habilidade de articular idéias e de se comunicar bem com os outros;

- Tendência a dirigir as atividades quando está envolvido com outras pessoas e em dominar as discussões;
- Autoconfiança quando interage com colegas da sua idade;
- Tendência a ser respeitado pelos colegas;
- Aprendizagem rápida com instrução mínima.

Todos os indicadores devem ser observados por sua frequência, intensidade e consistência ao longo do tempo (Freitas, 2006).

### 3. Explicando a metodologia da pesquisa

O foco da pesquisa centrou-se nos significados atribuídos às Altas habilidades/Superdotação pela pessoa que apresenta esses indicadores, a partir de suas relações familiares e escolares.

Quando comecei a dar os primeiros passos dessa pesquisa, analisei muitas possibilidades de metodologia. O tema, desde o início, parecia-me insubstituível e eu pretendia criar um texto distinto e interessante. Porém qual metodologia utilizar?

A pesquisa apresentada possui abordagem qualitativa, onde “[...]existe uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito , uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 1991, p. 79), do tipo estudo de caso.

O estudo de caso é uma caracterização abrangente para designar uma diversidade de pesquisas que coletam e registram dados de um caso particular ou de vários casos, a fim de organizar um relatório ordenado e crítico de uma experiência, ou de avaliá-la analiticamente, objetivando tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora. (CHIZZOTTI, 1991, P. 102)

O Estudo de caso me pareceu o mais apropriado, por ser uma abordagem metodológica da pesquisa social que, segundo Gill (1999), é um processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social.

Conforme Rios (2003), o estudo de caso procura apresentar a realidade de forma completa e profunda, por isso é necessário que o pesquisador recorra a uma multiplicidade de informações. O estudo de caso trabalha com um ser único, nesse caso, a escolha desse tipo de metodologia é uma opção conveniente para contemplar o objetivo dessa pesquisa.

Os dados obtidos pela investigação serão analisados a partir da técnica de análise de conteúdo. Conforme Chizzotti (1991, p. 98),

Análise de conteúdo é um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento.[...] O objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas.

Três categorias foram pertinentes para a análise de conteúdo nessa pesquisa: a percepção sobre as Altas Habilidades, a percepção sobre a escola e a percepção sobre sua família.

### 3.1 Instrumentos Metodológicos

O instrumento utilizado para a identificação do sujeito escolhido para a pesquisa foi o “Questionário para Identificação de Indicadores de Altas Habilidades/Superdotação” (PÉREZ, 2008) e através de suas respostas, foram constatados fortes e constantes traços de AH/SD, confirmando minha hipótese. Esse questionário é direcionado a adultos com indicadores de Altas Habilidades/Superdotação e é dividido por tópicos. O primeiro, com seis perguntas sobre o ambiente da casa onde reside. O tópico seguinte possui afirmações sobre características de aprendizagem, características de motivação, características de criatividade, características de liderança, características de planejamento e características de comunicação, na qual a pessoa escolhe entre as opções, nunca, raramente, às vezes, freqüentemente e sempre. Por fim, uma pergunta para identificação da área na qual essa pessoa se destaca. As respostas de Vô Juca a esse questionário trouxeram, a partir dos estudos realizados, a certeza de seus indicadores de AH/SD.

Por me sentir totalmente preocupada em reproduzir a realidade nas respostas de Vô Juca e aproveitando as habilidades que ele possui com a escrita, optei por fazer um questionário com os seguintes quesitos: O que você pensa a respeito das Altas Habilidades/Superdotação?; Que sentidos você atribui a sua família na sua constituição pessoal?; Como foi o percurso escolar que você viveu?

O questionário, segundo Thiollent (1982), é uma técnica de observação direta, por ser estabelecido um contato efetivo com o sujeito da pesquisa e é um conjunto de questões sobre o problema.

### 3.2 Procedimento Metodológico

Todo o procedimento da investigação foi realizado em 7 meses. Inicialmente, Vô Juca recebeu todas as informações pertinentes a sua função dentro da pesquisa. Ele recebeu orientações sobre o significado das Altas Habilidades/ Superdotação, o porquê de ele ser escolhido como sujeito da pesquisa e os objetivos do trabalho e respondeu ao questionário para a identificação de indicadores de AH/SD em adultos, no qual foram constados seus indicadores. Essa explicação inicial e a aplicação do questionário prolongaram-se por 3 meses. Nos dois meses subsequentes, entreguei-lhe o questionário no qual as perguntas foram distribuídas separadamente, isto é, à medida que ele ia terminando uma era encaminhada outra e, nesse intervalo de tempo, suas respostas eram interpretadas. A seqüência da distribuição das perguntas foi a seguinte: primeiro, o que ele pensa a respeito das Altas Habilidades/Superdotação; a seguinte foi, que sentidos ele atribui a sua família na sua constituição pessoal e, por fim, como foi o percurso escolar que ele viveu.

Após todas as respostas concluídas, foram destinados 2 meses para a análise dos dados e elaboração do presente artigo.

### 4. Perfil do Sujeito

Em 1986, em Santa Maria/RS, nasce Vô Juca, uma criança que tivera uma infância semelhante à de muitas crianças. Algumas atitudes chamavam muito a atenção de seus pais e professores durante o ensino fundamental; ele era sempre muito curioso

e gostava de ser desafiado; líder das brincadeiras e de qualquer atividade; considerava a escola pouco estimulante e não se conformava com as explicações da professora; tinha livros de séries posteriores à sua, que ficava lendo por horas; uma vez, até tentou decorar o dicionário. Sempre muito criativo e com um raciocínio lógico e abstrato superior para sua idade; ótima memória; uma imaginação muito aguçada; sempre muito independente; preferência pelo relacionamento com pessoas e crianças mais velhas, Vô Juca não tirava notas tão surpreendentes, mas seus professores conheciam e acreditavam no seu potencial.

Com 14 anos, fez a prova de seleção um colégio técnico, foi aprovado e começou a cursar, no ano seguinte, o primeiro ano do ensino médio. Nesse ano, teve muitos amigos e não se dedicou à escola, resultando na sua reprovação, mas foi através de um colega que começou a participar de um Centro de Tradições Gaúchas, aprendendo a dançar músicas gaúchas, uma verdadeira paixão que faria parte do seu futuro. Mudou de escola no ano seguinte à reprovação e demonstrou, durante todo o ensino médio, as mesmas características do ensino fundamental.

Vô Juca, como muitos homens, pensava entrar no exército e decidiu fazer o concurso para ingressar na Escola de Sargentos das Armas (EsSA), obtendo grande êxito, pois, no ano seguinte, partiu para Minas Gerais, buscando sua formação. Fora um aluno muito qualificado e com um potencial muito além de seus colegas; porém, aos poucos, aquelas atividades rotineiras e repetitivas não o motivavam como antes e acreditava que todo o potencial ali injetado não possuía um objetivo real. Após essa percepção, Vô Juca necessitava de algo novo, desafiante, pois sabia que não poderia desperdiçar suas qualidades, enfrentou as críticas e desistiu da EsSA. Dias depois, já em sua cidade natal, recebeu uma proposta de emprego em São José dos Campos/SP, para ministrar aulas de danças gaúchas num CTG, um novo desafio aceito. Foram três anos de dedicação total a uma atividade que permitiu o uso das suas principais habilidades, como criatividade, liderança, pensamento imaginativo, espírito de aventura, concentração, originalidade, organização, articulação de idéias, ótima comunicação com as pessoas, entre outras. O CTG encontrava-se em suas mãos, Vô Juca pode cuidar de todos os detalhes e em nenhum momento perdeu a motivação, mas não estava totalmente completo. Dez meses depois, retornou a Santa Maria, em busca do

que faltava. Vô Juca sempre busca o que considera essencial para sua vida, novas experiências, e, isso pode ser percebido também nos seus poemas, que escreve e que já foram publicados em jornais. Ele busca continuamente novos desafios, novos conhecimentos e luta para que seus talentos não sejam desperdiçados.

Essa breve narrativa mostra as fases da vida de Vô Juca que interessam para este trabalho. Veiga Neto (2002), no seu texto Olhares, explica que a realidade é construída por nós, através do nosso olhar e cada pessoa vê o que deseja e da maneira que deseja ver. Essa idéia de olhares é muito interessante, pois se descrevesse apenas essa história, sem mostrar o meu objetivo, com certeza, muitas pessoas a analisariam sob perspectivas diferentes. Porém o escritor influencia os leitores com suas explicações e tem por objetivo convencê-los de que está correto, mas, como diria Veiga Neto (2002), "... tudo aquilo que pensamos sobre nossas ações e tudo aquilo que fazemos tem de ser contínua e permanentemente questionado, revisado e criticado", então tudo aquilo que escrevemos poderá nunca ter um fim.

## 5. Análise e Discussão

Três perguntas fizeram parte do questionário e os trechos mais significativos das respostas selecionados constituíram as três categorias de análise que será apresentada à continuação: a percepção sobre as Altas Habilidades/Superdotação, a percepção sobre a escola e a percepção sobre sua família.

### 5.1 A percepção sobre as Altas Habilidades/Superdotação

Refletindo sobre o que ele pensa sobre as Altas Habilidades/Superdotação, Vô Juca refere:

"Dias atrás quando escutava sobre este assunto buscava logo na memória a figura de Albert Estein, Paulo Coelho, Bil Gates... Pessoas brilhantes, que seus nomes estão ligados a grandes feitos e grande sucesso, rostos em livros, ou filmes sobre eles. Estes, para mim, eram, até então, os superdotados. Pessoas intocáveis, quanta bobagem".

Nesse trecho, visivelmente temos um dos mitos mais comuns, a idéia de que o Superdotado é sinônimo de gênio (ALENCAR - 2007), muitas pessoas acreditam que Superdotado é aquele que apresenta um desempenho muito superior e produções excepcionais, mas essas duas nomenclaturas podem ser diferenciadas através de suas definições. À diferença da definição de “Superdotado”, explicitada anteriormente, o Gênio é uma pessoa com grandes feitos na humanidade, ou seja, nem todo o Superdotado é Gênio.

Vô Juca era ciente de sua diferença como podemos perceber a partir de outras palavras suas:

“Que eu sempre fui diferente dos demais isso era óbvio, ninguém fez tanta coisa em tão pouco tempo e mesmo assim não fez nada da minha geração, mas que por isso poderia ser um superdotado? Um Estein??? Não, nem liguei muito [...]”.

Uma inquietação decorre da leitura desse fragmento: o que é necessário para que as pessoas transfiram os Superdotados do imaginário para o real? Podemos observar, que, inclusive Vô Juca, apesar de acreditar ser diferente, não atribuiria essa distinção à superdotação. Segundo Freitas (2006), para uma parcela da sociedade, as pessoas com Altas Habilidades não passam de mitos e isso dificulta sua identificação e seu atendimento. Mas para que desmistificar os Superdotados? Ou ainda, para que ou por que estudar os Superdotados, se isso parece tão difícil?

Após Vô Juca saber que possuía indicadores de AH/SD, refere algumas inquietações:

“Mas um pergunta vaga desde aquele momento me toma os anseios: Poderia ter sido algo diferente se soubesse disso tudo antes?[...]”

E a resposta eu tenho, claro que poderia. Por que não fui direcionado? Por que não fui instruído? Talvez eu nem deixasse mesmo, talvez não fosse preciso, sei lá, tantas respostas sem perguntas, tantas perguntas alheias que não cabem minhas respostas...”

As palavras de Vô Juca remetem a uma preocupação de grande parte dos pesquisadores e estudantes das AH/SD: as concepções errôneas sobre esse assunto e, conseqüentemente, a falta de estímulos e desperdício de talentos.

Renzulli (2004, p. 81) exhibe duas finalidades para oferecer Educação Especial aos jovens com elevado potencial, a saber:

“A primeira finalidade é fornecer aos jovens oportunidades para um maior crescimento cognitivo e auto-realização, através do desenvolvimento e expressão de uma área de desempenho ou uma combinação delas, nas quais o potencial superior pode estar presente. A segunda finalidade é aumentar a reserva social de pessoas que ajudarão a solucionar os problemas da sociedade contemporânea, tornando-se produtores de conhecimento e arte e não apenas consumidores das informações existentes. Esta segunda finalidade, às vezes chamada de o argumento da cura do câncer, era especialmente útil para o apoio legislativo e financeiro.”

Crescimento cognitivo, auto-realização e solução para os problemas da sociedade, esses três itens me parecem o início de um caminho próspero ao mundo por tamanha importância.

A segunda finalidade encontra-se em sintonia com os argumentos que Winner (1998, p.18) possui, quando justifica a importância de estudar Superdotação, - “Um entendimento dos níveis mais extraordinários da mente humana é importante tanto para a nossa sociedade como para o entendimento científico do potencial humano” – e, ainda, contribui com a hipótese de que serão encontrados entre os Superdotados indivíduos que solucionarão os vastos problemas que ameaçam a humanidade.

Apoiada por esses dois ilustres autores, sinto-me satisfeita por terem sido respondidas as perguntas referentes à “mitologia sobre os Superdotados”.

## 5.2 A percepção sobre a escola

Dando continuidade à análise das respostas de Vô Juca, observamos mais preocupações. Ele questiona o porquê de não ter sido direcionado e instruído de maneira especial como é de seu direito. Sua trajetória escolar iniciou no ano de 1990 e, no Brasil, desde 1961, temos, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, dois artigos dedicados à educação dos “excepcionais”, palavra remetida aos deficientes mentais e

aos Superdotados. No ano de 1967, foi criada pelo Ministério da Educação e Cultura uma comissão para estabelecer critérios de identificação e atendimento a esses alunos (DELOU, 2007a), ou seja, em 1990, os Superdotados já possuíam direitos na legislação brasileira.

Persistem muitos questionamentos em torno de como os professores lidam com as Altas Habilidades/Superdotação, sobre o porquê da não identificação e do não atendimento aos Superdotados. Será que os professores não percebem a capacidade desses alunos? Ou mesmo, será que não percebem suas diferenças? O porquê de suas inquietações? Não percebem ou possuem medo de lidar com as diferenças? Antes de discutir essas questões, apresentarei outros trechos das resposta de Vô Juca, pois confiam o mesmo assunto:

“Logo no primeiro dia, percebia a diferença entre eu e os meus colegas, minha indignação inicial se deu quando, para minha surpresa, a mãe de alguns deles os acompanhava na sala de aula, um absurdo para mim”.

Podemos verificar a percepção da diferença de Vô Juca com os seus colegas e o quanto era independente. As conversas informais que tive com ele surpreenderam-me pela incrível distinção que ele sentia em relação à turma e que pode ser constatada no seguinte trecho:

“Às vezes até me questiono por que não me formar como tantos outros? Aí me vem de pronto a imagem de meus professores, pessoas sem o menor preparo para lidar com o “anormal”, que ao invés de serem observadores de diferenças em sala de aula, tratavam todos como iguais, o maior erro que presenciei e presencio ainda hoje através de comentários que chegam até mim. Poderia ter sido bem diferente o futuro da minha geração se as anteriores tivessem vindo melhores preparadas para nos dar o suporte necessário, é mais fácil tratar todos como iguais do que tratar as diferenças de cada um, pode ser muito perigoso”.

Como ele mesmo afirma, seus professores não lidavam com o “anormal” e daí retorno à mesma pergunta anterior: - Os professores não percebem ou possuem medo de lidar com as diferenças? Têm medo de lidar com as diferenças, essa, infelizmente,

me parece a resposta mais adequada. Acredito que seja impossível, principalmente na escola primária, um educador\*, não notar as habilidades de seus educandos.

A professora da escola primária, segundo Guenther (2006, p.86), tem a oportunidade de conhecer detalhes da vida e da personalidade de seus alunos. “Nessas circunstâncias, está capaz para realizar com segurança a observação necessária para localizar na turma de alunos as crianças sinalizando potencial superior”. Então, condições os professores possuem para identificar as diferenças de cada aluno e, identificar essas especificidades, não significa identificar a Superdotação, mas recorrerem a um atendimento especializado ou informações para o devido atendimento.

Assim sendo, continuo defendendo a idéia de que o medo em lidar com as diferenças possa ser a causa do não atendimento e não a falta de percepção. Alencar (2003) refere uma entrevista com professores, onde questionava-os a respeito de como se sentiriam, caso soubessem que receberiam alunos Superdotados em suas classes e a resposta de muitos foi que preferiam que isto não ocorresse, pois este aluno poderia constituir um problema em classe. A dificuldade que os educadores possuem para lidar com o diferente, nesse caso, com os superdotados é preocupante. Inclusive, para os Superdotados, muitas vezes, é mais fácil ocultar suas diferenças do que enfrentar as discriminações dos colegas, como reflete Vô Juca:

“Muito simples seria ser como os demais, fazer como os demais, ser um pouco diferente, mas que graça haveria de ser um pouco diferente???”

Alencar (2003), retomando algumas pesquisas, descreve que alguns alunos com Altas Habilidades modificam seus comportamentos na sala de aula, passam a imitar os colegas menos brilhantes e a esconder suas competências

A ausência de estímulos e de desafios, a metodologia de ensino pouco favorável e até mesmo as frustrações devido à falta de identificação “abafa”, muitas vezes, o

---

\* Numa definição bem simplista, educador é aquele que se ocupa de educação e educação é um processo de desenvolvimento da capacidade intelectual, moral e física do ser humano. (LOVISOLO, 1992)

potencial dos superdotados. Costa (2006) afirma que a escola tem sido mais capaz de limitar do que desenvolver os potenciais de seus alunos e, ao encontro da afirmação anterior, Winner (1998) relata algumas conclusões de um estudo com superdotados, referindo que a maioria deles considerava a escola não-desafiadora e, conseqüentemente, esses alunos perdem o interesse, porque sabem mais que seus professores.

Em outra parte do depoimento, Vô Juca demonstra indignação quanto ao sistema educacional:

"[...] não quero ver pessoas com dignos potenciais sucumbindo diante da fragilidade de um sistema falho que prioriza a igualdade e vê com maus olhos as diferenças dos indivíduos, a não observação de alguns sinais deveria ser encarada como despreparo intelectual e os que assim agirem serem afastados de seus cargos pois considero inadmissível o desperdício de talento num país como o nosso com capacidades muito além daqueles que norteiam nossas vidas governos adentro".

Então o que poderia ser feito, dentro da sala de aula, para que esses alunos desenvolvessem seus potenciais? Renzulli (2004, p.14) refere que "[...]os educadores brasileiros têm o compromisso de compreender a diversidade nos alunos e de ajudá-los a adquirir habilidades de aprendizagem em múltiplas áreas" e afirma que todos os alunos se beneficiam com essa abordagem. Vô Juca também pensa dessa forma:

"As ferramentas para plantar seu jardim não deve ser feitas de diamantes mal formados e sim de puros sentimentos, não se tem um bom profissional apenas com cadernos e escritas mas com idéias e dedicação".

Os professores devem investir toda a sua atenção nos alunos, observar suas atitudes, personalidades e ações. Segundo Vieira (2006, p.90), a identificação dos alunos com AH/SD é um dos fatores mais importantes a se considerar em qualquer programa de atendimento e associada a isso um plano de atendimento "[...] com o objetivo de proporcionar as melhores condições para o desenvolvimento dos sujeitos envolvidos e o respeito às suas singularidades." (VIEIRA, 2006, p. 90). Os educadores devem buscar todas as informações e auxílio de profissionais especializados para a identificação e atendimento do aluno com AH/SD e planejar uma metodologia flexível e que dê oportunidades para que esse aluno desenvolva seus potenciais.

Existem alguns programas criados por autores ilustres que devem ser adotados nas escolas - ou ao menos pensados - como uma oportunidade de crescimento tanto de seus alunos quanto de toda a comunidade escolar. Renzulli e Reis (apud Renzulli 2004 p. 108) desenvolveram o SEM – *School-wide Enrichment Model* (Modelo de Enriquecimento para toda a Escola):

“O SEM é um projeto detalhado para melhorar toda a escola, suficientemente flexível como para que cada escola desenvolva seu próprio programa único, baseado nos recursos locais, no alunado, na dinâmica da sua direção, nos pontos fortes dos docentes e na criatividade.”

A finalidade desse programa é, em síntese, desenvolver o potencial de talento dos jovens, melhorar o desempenho acadêmico de todos os alunos em todas as áreas, promover a reflexão profissional contínua e orientada para o crescimento pessoal da escola, criar uma comunidade de aprendizagem que honre a diversidade, implementar uma cultura escolar cooperativa que inclua oportunidades adequadas de tomada de decisão para os alunos, pais, professores e direção da escola.

O próprio Ministério da Educação (FLEITH, 2007, v. 2) apresenta atividades e estratégias de estimulação do potencial de alunos com AH/SD, porém minha intenção não é descrever essas estratégias e, sim, mostrar ao leitor que o não atendimento dos alunos com AH/SD não se justifica pela falta de informação.

Esses programas e modelos existentes beneficiam a todo aluno, conforme a afirmação de Winner (1998, p.212) - “Se elevarmos os nossos padrões e expectativas para todas as crianças, todas desempenharão melhor [...]”. Conseqüentemente, beneficiam a toda a população mundial, e não acredito estar sendo exagerada e muito menos utópica, pois a escola forma o cidadão para o mundo e este necessita de líderes, pessoas criativas e empreendedoras.

### 5.3. A percepção sobre a família

Vô Juca expõe sua imagem em relação à família:

“Tenho como base apenas minha formação, quando criança, lutava por cada pergunta mal respondida, cada explicação mal dada, cada cara que dizia: “pará de fala, guri”, e coisas mais, mas não para obter de meus pais a resposta, mas para ter mais perguntas e soluções que os deixavam de “boca aberta”, e sempre ouvia deles, da onde tirou isso? Foi sempre assim e sempre deveria de ser assim, procurava perguntas que eles não teriam as respostas, mas eu sim, fazia bem saber coisa que nem mesmo eles sabiam”.

A família é o início de tudo e possui subsídios suficientes para o início do desenvolvimento pessoal, são os pais que nos dão os primeiros ensinamentos e as primeiras regras. No caso dos pais de um Superdotado, eles sabem que seus filhos são diferentes dos demais e, na maioria das vezes, não sabem o motivo e, conseqüentemente, não buscam orientações e as crianças vão desenvolvendo suas habilidades por conta própria.

Mas e quando sabem que seus filhos possuem AH/SD, muda alguma coisa? Aspesi (2007) relata, conforme Dettman e Colangelo (2004), que, na maioria das vezes, os pais sentem-se confusos sobre seu papel na identificação, ansiosos sobre o desempenho dos filhos, preocupados por não saberem lidar com alguns problemas de relacionamento e, ao mesmo tempo, injetam uma carga muito grande de expectativa. São filhos diferentes e rotulados pela idéia do brilhantismo, mas que necessitam de atendimento especializado, o ambiente deve permitir que as crianças desenvolvam seus potenciais, que possam expressar livremente seus pensamentos e emoções.

De acordo com Delou (2007b)

“os pais e as mães têm a oportunidade, a possibilidade e a responsabilidade de interagir de modo lúdico e verbal, a fim de estimular positivamente as altas habilidades de suas crianças e adolescentes, favorecendo a construção de seu futuro”.

Os pais não são apenas transmissores de genes, são peças fundamentais nesse jogo que chamamos de vida, é deles que recebemos valores, tradições e significados culturais, além de servirem como modelo para formação, imitação e inspiração de seus filhos.

Em outro momento, Vô Juca expõe a importância de sua família:

“Mas isso me fez crescer, de certa forma pelo inconsciente, eles me davam uma tremenda força, para adquirir conhecimento da vida e poder de resolução. Até hoje é assim e sinto a importância que tenho na vida de cada um na minha família (tanto que eles nem percebem, certas vezes)”.

Gama (2007) relata que essas crianças se desenvolvem mais rápido que as demais e, às vezes, aprendem a ler, escrever, andar, a fazer cálculos precocemente e isso assusta os pais que buscam orientações na escola. Esta, inicialmente, nega que o aluno seja diferente, pela dificuldade que possui em lidar com a heterogeneidade, mas, à medida que os pais a pressionam, ela recomenda que levem seus filhos a algum terapeuta. Na verdade, a melhor atitude a ser tomada é que família e escola se unam para ajudarem as crianças com AH/SD a desenvolver seus potenciais.

Existem algumas estratégias que podem facilitar a suplementação curricular na Educação Infantil (GAMA 2007, p.65, v.3), como reconhecer a área de precocidade, oferecer atividades diferenciadas, permitir que o aluno assista alguma aula de série superior à sua, aumentar os desafios, suplementar o currículo. A parceria entre pais e escola deve ser mantida por contatos abertos. O aluno com AH/SD de qualquer idade tem o direito de receber as melhores oportunidades para sua aprendizagem e para seu desenvolvimento. A escola deve estar mais bem preparada e equipada para educar todos os alunos, cada um com sua especificidade.

Gama (2007) relata que as crianças com Altas Habilidades/Superdotação se desenvolvem mais rápido que as demais, aprendem a ler, escrever, andar e a fazer cálculos precocemente assustando os pais que buscam orientações na escola. Esta inicialmente nega que o aluno seja diferente pela dificuldade que possuem em lidar com a heterogeneidade, mas à medida que os pais pressionam os professores eles recomendam que levem seus filhos a algum terapeuta, na verdade a melhor atitude a ser tomada é que família e escola se unam, para ajudarem as crianças com AH/SD a desenvolverem seus potenciais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho trouxe a oportunidade de conhecer um caso de Altas Habilidades/Superdotação. Aquele ser imaginado a partir das leituras realizadas sobre superdotação veio até mim suprimindo minhas curiosidades.

Talvez eu não consiga transmitir ao leitor minha gratidão e emoção por tudo isso, mas saibam que vivenciar durante algum tempo os anseios, as dúvidas e as inquietações desse adulto superdotado me emocionou e me engrandeceu como ser humano e como profissional.

Vô Juca trouxe-me novos aprendizados, pelo fato de muitas vezes não saber o que responder ou o que pensar e, ao mesmo tempo, trouxe-me indignação por ver o quanto é falho nosso sistema de ensino e o quanto somos carentes de apoio educacional.

As Altas Habilidades exigem uma transformação na estrutura escolar que começa desde nossos chefes de Estado e termina na sala de aula, com o professor. A metodologia de ensino não prioriza nenhum tipo de aluno, é pensada a partir de um aluno padrão que claramente não existe, é homogênea e não abre espaço para o diferente se desenvolver. Mas, na verdade, todos somos diferentes, cada um de nós possui especificidades que deveriam receber uma atenção especial pela comunidade escolar. Não nos desenvolvemos no mesmo ritmo e nem recebemos o mesmo tipo de educação familiar, pensamos diferente, almejamos coisas diferentes, possuímos habilidades próprias, preferências própria. Isso é levado em conta no planejamento escolar? Sem medo de errar, respondo, com muita tristeza, que não. Somos tratados como iguais e nós é que devemos nos desenvolver por esse padrão.

Afirmo novamente, com muita preocupação, que nosso sistema educacional é falho e cego. Quando recebi as respostas de Vô Juca aos meus questionários, percebi o quanto faz falta um bom programa escolar com um atendimento especializado. Vô Juca esperou 22 anos para entender suas diferenças e saber o que eram Altas

Habilidades/Superdotação e o problema é bem maior, pois muitas pessoas - morreram e ainda morrerão - sem serem identificadas e sem receberem atendimento.

A escola deve ser urgentemente melhor estruturada, a legislação já prevê o atendimento aos Superdotados e já permite o atendimento necessário. Cada escola deve ter um profissional especializado conduzindo e orientando os professores que devem receber cursos de capacitação na área da Educação Especial e a escola deve ser flexível quanto à metodologia de ensino.

A escola forma cidadãos, e o pensamento de Renzulli (2006, p.11) relata essa afirmação:

O crescimento econômico renovado e sustentável , o desenvolvimento do capital intelectual, criativo e social, e o bem-estar social de todos os cidadãos requerem investimentos num ensino de boa qualidade, da mesma forma que as gerações anteriores investiram em máquinas e matérias primas.

Após esse trabalho, que para mim foi de uma importância imensurável, anseio por um mundo melhor, com oportunidades para a diversidade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Eunice M.L. **O Aluno com Altas Habilidades no Contexto da Educação Inclusiva**. Brasília: Movimento, 2003.

\_\_\_\_\_. Indivíduos com Altas Habilidades/Superdotação: Clarificando Conceitos, Desfazendo Idéias Errôneas. In: A Construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília: MEC/SEESP, 2007. v. 1, p.13- 23.

ASPESI,C.C. A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília, 2007. v. 3,p.31 – 47.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial. **Projeto Escola Viva – Garantindo o Acesso e Permanência de todos os alunos na Escola**: Alunos com necessidades especiais. Brasília, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Especial, Brasília,2007. Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seesp/index.php?option=content&task=view&id=134>>. Acesso em 12 de out.2008.

CAMPBELL, L; CAMPBELL, B; DICKINSON, D. **Ensino e aprendizagem por meio das inteligências múltiplas**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COSTA, M. R. N.Um olhar sobre o Adolescente com Altas Habilidades. In: Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: Ed.UFSM, 2006, P. 109 – 125.

DELOU, C. M.C. Educação do Aluno com Altas Habilidades/ Superdotação: Legislação e Políticas Educacionais para a Inclusão. In: A Construção de Práticas Educacionais

para alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília:MEC/SEESP, 2007a. v. 1, p.27 - 39.

DELOU, C.M.C. O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In: A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília, 2007b. v. 3., P. 51 – 59.

FLEITH, D. S. org. Atividades de Estimulação de Alunos. In: A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília, 2007. v. 2.

FREITAS, S.N. (Org.). **Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas.** Santa Maria: UFSM Editora, 2006.

FREITAS, S.N; RECH, A.J.D. Uma Revisão Bibliográfica sobre os Mitos que Envolvem as Pessoas com Altas Habilidades. In: Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: UFSM Editora, 2006.

GAMA, M.C.S.S. Parceria entre Família e Escola. In: A construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília: MEC/SEESP, 2007. v. 3, p. 63 – 73.

GAMA, M.C.S.S. **A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação.** Pernambuco,1998. Disponível em: <<http://www.homemdemello.com.br/psicologia/intelmult.html>>. Acesso em 12 de out. 2008.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1999.

GUENTHER, Z. **Capacidade e Talento – Um programa para a escola.** São Paulo: EPU, 2006.

LOVISOLO, E. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Moderna, 1992.

OUROFINO, V.T.A.A. T. de; GUIMARÃES, T. G. Características Intelectuais, Emocionais e Sociais do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação. In: A Construção de Práticas Educacionais para alunos com Altas Habilidades/Superdotação. Brasília:MEC/SEESP, 2007. v. 1, p.41 - 51.

PÉREZ, S.G.P.B. **Ser ou Não Ser, eis a Questão:** O Processo de Construção da Identidade na Pessoa com Altas Habilidades/Superdotação Adulta, 2008, 230f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 2008.

RENZULLI, J.S. **O Que é Esta Coisa Chamada Superdotação, e Como a Desenvolvemos?** Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. Revista Educação, Porto Alegre– RS, ano XXVII, v. 1, n 52, p. 75 – 131, Jan./Abr. 2004

RIOS, V.M.S. **O processo de Construção da Identidade de uma Pessoa Surda Pós – Lingüística.** 2003. 105 f. Monografia (Especialização em Educação Especial) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

THIOLLENT, M.J.M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquête Operária.** São Paulo: Polis, 1982.

VIEIRA, N.J.W. Uma Trajetória na Identificação das Altas Habilidades/Superdotação em Educação Infantil. In: Educação e Altas Habilidades/Superdotação: a ousadia de rever conceitos e práticas. Santa Maria: UFSM Editora, 2006, p. 89 – 150.

WINNER, Ellen. **Crianças Superdotadas:** mitos e realidades. Porto Alegre: Artmed, 1998.

